

O USO DOS CONECTORES INTRA E INTERFRÁSTICOS SOB OS ENFOQUES FUNCIONAL E ENUNCIATIVO

Luisa Helena Borges Finotti*

RESUMO: Este artigo objetiva demonstrar como os conectores inter e intrafrásticos podem ser analisados sob os enfoques funcional e enunciativo e o efeito de sentido que esse tipo de análise proporciona para aqueles que se preocupam com a questão textual. Para isso, abordaremos os estudos realizados por Danes(1974) quanto aos tipos de relações funcionais estabelecidas a partir dos princípios da perspectiva funcional da sentença, Bally(1944), na determinação dos modos de combinação dos enunciados e em Guimarães(2001), quanto à dependência ou não dependência das orações, por meio do emprego dos conectores.

PALAVRAS-CHAVE: *texto; conectores intra e interfrásticos, sentido*

ABSTRACT: The present article aims to demonstrating how intra and inter connectors can be analysed from both the enunciative and functional perspectives, pointing out the effect of meaning such type of analysis offers to those interested in the study of the text. To adress the issue, we take the following studies into consideration: Danes's (1974), in what concerns the type of functional relations established according to the principle of the funcional sentence perspective; Bally(1944), in its determination of the different ways of combine sentences; and Guimarães's (2001), in respect to the dependence or not on the use of conector between sentences.

KEYWORDS: text; intra and inter connectors, meaning

Introdução

“Se (...) o sentido de um texto é mais construído do que dado, sua objetividade não é um processo único, fixado de uma vez por todas. Ela é, claro, estabelecida com base na objetividade material do texto, mas não estabelecida e garantida por ela.”

(RASTIER,1989, p. 19)

Todo texto possui um excesso inegável de sentido em relação às múltiplas estratégias hermenêuticas, em relação aos diferentes modelos interpretativos, às diversas construções teóricas, as quais podem pertencer a diferentes domínios do saber, dentre eles, o campo da análise textual.

Afora esses aspectos mais gerais e partindo do pressuposto postulado por Frese(1967), apud SCHIMDT,S.J. (1978, p.163) de que “todo texto deva ser abordado não como fenômeno meramente lingüístico, mas a partir de um modo de textualidade”, uma vez que a textualidade compreende uma manifestação social necessária para a efetivação de qualquer tipo de comunicação, julgamos ser de interesse analisar o processamento da informação na escrita.

* Doutora em Semiótica e Lingüística Geral pela USP, finottil@triang.com.br

Por essa razão, pretendemos estabelecer a organização da informação textual e os efeitos de sentido que a distribuição dessa informação acarreta para o processo interacional, reconhecendo que a progressão temática é, a princípio, uma unidade estrutural cujas contingências organizacionais produzem conseqüências diretas para as outras unidades.

Diante disso, nossa opção de análise advém da disposição de estabelecer as bases em que se desenvolve a interação verbal, entendida não apenas como processo comunicativo em si, mas segundo formas específicas de produção e interpretação de mensagens a partir da utilização de mecanismos próprios. Se, para além desse objetivo, considerarmos ainda o papel que cada falante/escritor desempenha, durante a interação, na tentativa de atribuir um valor ou uma significação ao texto, nosso propósito será o de determinar como se efetiva o uso dos conectores inter e intrafrásticos em textos realizados, sob os enfoques funcionais e enunciativos.

Pressupostos Teóricos

Inicialmente iremos nos basear nos princípios organizacionais da sentença ou *function sentence perspective (FSP)*, postulados por Danes(1974).

Segundo esse princípio de organização lingüística, é possível perceber, a partir da detecção do tema e do rema das sentenças, a estruturação do texto escrito, ou seja, sua configuração macroestrutural, e, dessa maneira, analisar a progressão temática, assim como o uso dos conectores inter e intrafrásticos.

A expressão FSP tem origem nos questionamentos de Mathesius (1974), apud FIRBAS,J. (1974), a quem se pode atribuir a iniciativa desses primeiros estudos. Entretanto, foi por intermédio da monografia do francês Henri Weil, intitulada *De l'ordre des mots dans les langues anciennes compareés aux langues modernes*, que o fenômeno da organização textual obteve sua base.

Segundo Weil (1844) , a ordem das palavras na sentença obedece a certos padrões que revelam o percurso mental do indivíduo. Tais padrões predis põem o indivíduo a formular sentenças bipartidas, ou seja, toda sentença possui um ponto de partida ou um desencadeador do discurso e um objetivo que representa a informação a ser comunicada ao ouvinte. Esse padrão de organização se mantém em todo e qualquer

falante mesmo se considerarmos que as línguas possam divergir quanto ao emprego das construções sintáticas.

Baseado na proposição de Weil, Mathesius questiona o papel desempenhado pela FSP ao determinar a ordem das palavras, oferecendo, dessa forma, sua maior contribuição para a teoria. O fenômeno da ordem das palavras constitui, segundo ele,

“um sistema caracterizado pela hierarquia do princípio da ordenação das palavras, hierarquia essa determinada pela extensão e pela forma por meio da qual o princípio opera.”

Mathesius sustenta que, no processo comunicativo, esse princípio de ordenação de palavras, realizado pelo léxico e pela gramática, serve a um determinado propósito do falante, em um dado momento. Esse propósito atende às necessidades do contexto e, como tal, determina as especificidades lexicais empregadas na sentença¹.

A partir das considerações de Mathesius, Danes propõe que se estabeleçam três níveis de abordagens sintáticas, a saber: i) nível da estrutura gramatical da sentença, ii) nível da estrutura semântica da sentença e iii) nível da organização da expressão.

Esses três níveis de análise são baseados, respectivamente, na forma sintática, portadora de função lingüística de um determinado sistema; nas relações lógicas, ou seja, de um lado, nas relações derivadas tanto da natureza quanto da sociedade que parecem ser essenciais para as atividades sociais humanas, no caráter geral e nas regularidades de materialização e percepção lineares da expressão, e, de outro, nos conteúdos extralingüísticos da mensagem.

Feitas as distinções entre os níveis de análise, é importante ressaltar que: i) embora esses níveis tenham sido tomados isoladamente, a separação entre eles só ocorre por razões metodológicas; ii) é no nível da organização da expressão que a língua é operacionalizada para criar textos.

¹ O vocábulo sentença deve ser entendido, conforme Danes(1974, p.230), como “*estrutura sintática de um determinado tipo capaz de converter uma seqüência de palavras em uma unidade mínima comunicativa (expressão), mesmo quando retirada do contexto ou da situação em que foi produzida*”.

Ainda em relação ao nível da organização da expressão, Danes(1974, p.227) acrescenta que é próprio deste domínio

“tudo o que estiver relacionado com o aspecto processual da expressão (...), o dinamismo das relações entre os significados individuais dos itens lexicais no processo de acumulação progressiva, assim como o dinamismo de todos os outros elementos da expressão (semânticos e gramaticais), resultantes das tensões semântica e formal e da expectativa na progressão linear na confecção de cada expressão”.

Desse modo, é o princípio dinâmico de estabelecimento dos elementos da expressão, ou seja, as opções efetivadas pelo falante no processo de organização lingüística, juntamente com as relações envolvidas no contexto comunicativo, que possibilitam, segundo o modelo proposto por Danes, sistematizar a formulação ou construção textual.

A estruturação tema x rema

No processo de construção textual, aparecem alguns componentes da FSP, a saber:

- I) *tema/ rema ou tópico/comentário, respectivamente, o que o falante está dizendo e o que está sendo dito sobre o tema;*
- II) *dado/novo ou informação contextualmente dependente/informação contextualmente independente;*
- III) *diferentes graus de dinamismo comunicativo ou hierarquia da saliência.*

Para Danes, a oposição a ser analisada no contexto da FSP deverá ser entre tema² e rema, sendo que o tema aparecerá como componente básico desta estrutura e o rema como restante da sentença.

² Para Danes(1974, p.112), o conceito de tema da sentença é aquele que Benes caracteriza como *ponto de partida* – “*elemento que abre a sentença, que liga a expressão ao contexto e à situação, selecionando de uma série possível de conexões, uma que possa ser o ponto inicial sobre a qual toda a expressão seguinte se desdobrará e será orientada*”.

Do outro ponto de vista, se analisarmos a oposição sob a ótica da informação (dado/novo), o componente básico da estrutura será a informação nova, restando ao dado a parte acessória.

Portanto, para detectar as respectivas partes estruturais da expressão devemos observar a conexão ou nexus por elas estabelecidas, ou seja, dependendo do objetivo da comunicação, as partes terão caráter funcional ou informacional. Ou ainda, o estatuto informacional da sentença é determinado pela posição que seus constituintes ocupam: sentença em posição final tende a ocupar o primeiro plano ou posição de destaque, enquanto em posição inicial tende a ocupar o segundo plano, o que não significa dizer, conforme salienta Reinhart(1980), apud Giora(1983), que a informação veiculada por essa sentença esteja em segundo plano, isto é, tenha *status* informacional de nível inferior.

Como todo ato comunicativo possui um propósito definido, caberá ao falante selecionar e distribuir, ao longo do texto, as informações novas que deseja transmitir ao seu interlocutor, ou seja, o falante se coloca na posição de ouvinte e imagina qual deva ser o seu conhecimento sobre determinado assunto para inventariar as informações assumidas como novas e de interesse. Tal processo se integra, na denominação de Firbas(1974), no dinamismo comunicativo³ e constitui o terceiro componente da FSP.

Acreditando na relevância da conexão estabelecida entre tema/rema e no próprio dinamismo comunicativo advindo dessas relações, Danes propõe que o fenômeno da FSP seja investigado a partir dos princípios que marcam a escolha temática e a progressão temática. Para isso, salienta que, embora saibamos que o centro de toda comunicação se fixa na informação nova ou rema, o interesse específico no estudo da FSP se encontra no tema, ou seja, na tematização, porque é, a partir dela, que o texto se organiza e se constitui como texto propriamente dito.

Quanto à progressão temática, o autor assevera ser ela a representante maior da conexão textual. Essa pode ser conceituada, segundo Danes (1974, p.114), como:

³ Por grau de dinamismo comunicativo veiculado por um elemento da sentença, Firbas (1974, p.270) entende "a extensão com a qual um elemento da sentença contribui para o desenvolvimento da comunicação e que faz com que a comunicação progrida". Nesse sentido, elementos novos (remáticos) tendem a apresentar maior dinamismo comunicativo, uma vez que transmitem informação desconhecida ou contextualmente independente. Isto não quer dizer, entretanto, adverte o autor, que os elementos temáticos não possam

“a escolha e ordenação dos temas dos enunciados, sua mútua concatenação e hierarquia, bem como o seu relacionamento com hipertemas das unidades superiores do texto (tais como o parágrafo, o capítulo ...), com o texto inteiro e com a situação. Progressão temática deve ser vista como a base, o esqueleto do enredo.”

Partindo dessa definição, o autor procura objetivar critérios que determinem a configuração macroestrutural do texto, por meio dos diversos tipos de relações estabelecidas entre os segmentos textuais.

Nesse sentido, a partir do contexto dado e da situação, Danes aplica um procedimento que implica adicionar, a cada sentença, partículas interrogativas, tais como: *que? quem? quando? quanto?*, para estabelecer o tema e o rema das sentenças e, dessa forma, verificar o que o falante prioriza como informação nova, não deduzível contextualmente, separando essa informação daquela que compartilha com seu interlocutor⁴.

Os tipos de Progressão Temática, segundo Danes

Uma vez ressaltado o procedimento de detecção do tema e do rema, o autor apresenta cinco tipos de progressão temática, a saber: i) progressão temática linear; ii) progressão temática com tema constante; iii) progressão temática com tema derivado; iv) progressão temática com rema subdividido; v) progressão com salto temático.

veicular informação desconhecida ou nova, pois o que os difere é seu traço de menor grau de dinamismo comunicativo.

⁴ - Em estudo anterior, FINOTTI, L.H. (1994), verificamos que esse procedimento, empregado por Danes, de perguntas diretas para detectar o tema e o rema das sentenças varia de acordo com a ordem dos questionamentos, o que, conseqüentemente, altera substancialmente o enfoque da informação. Nesse sentido, o emprego de perguntas diretas auxilia apenas a detecção das partes constituintes da sentença, quando a mesma for composta por orações coordenadas, porque sua própria configuração não permite, na maioria das vezes, que arranjos diferentes possam ser empreendidos, alterando o caráter informacional em questão. Em contrapartida, quando se tratar de orações subordinadas, o processo deve seguir a ordem pré-estabelecida no próprio texto, pois acreditamos que o ponto de partida da sentença é um tema que *a priori* desencadeia aquilo que o falante quer realmente priorizar como informação nova ou rema.

O primeiro tipo, *progressão temática linear*, representa, segundo o autor, a forma mais elementar de progressão. Constitui-se de temas e remas que se alternam na sentença ao serem sucessivamente retomados ao longo do texto. Quanto ao segundo tipo, *progressão temática com tema constante*, um mesmo elemento temático gera diferentes remas. O terceiro, por sua vez, *progressão temática com tema derivado*, desenvolve-se a partir de um hipertema (T) que desencadeia, na seqüência, temas derivados que se desdobram em outros remas. Relativamente ao quarto tipo, *progressão temática com rema subdividido*, podemos predizer que ocorre quando um certo rema se subdivide em dois ou mais remas. Esta extensão remática proporciona o surgimento de outros temas e, dessa forma, se alcança a seqüencialização temática do texto. Finalmente, Danes apresenta o último tipo de progressão, a *progressão com salto temático*, como sendo uma modificação da progressão temática linear em que há a omissão de uma sentença que pode ser facilmente recuperada pelo contexto.

Esses cinco tipos de progressão temática caracterizam os diferentes desenvolvimentos e distribuições dos segmentos textuais ao longo do texto e a dinamicidade do processo de produção textual.

Essa dinamicidade do processo textual, por meio da expansão de temas e remas, tem como propósito acrescentar ao texto dados que comprovem ou reforcem argumentos apresentados. Esses argumentos, se forem bem articulados pelo produtor textual, demonstrarão seu conhecimento sobre o assunto e sua capacidade explanatória, assim como mostrarão seu posicionamento, por meio das relações de sentido estabelecidas.

Por sua vez, a linearidade na distribuição dos segmentos temáticos e remáticos das sentenças depende, em grande parte, das escolhas efetivadas pelo produtor do texto ao selecionar os aspectos que melhor se adequam a uma situação concreta de uso e ao considerar alguns fatores extralingüísticos, tais como: o conhecimento de mundo, os possíveis leitores, a consistência e relevância do assunto, dentre outros.

Para os lingüistas funcionalistas, ao se investigar a linguagem, isto é, o uso que as pessoas fazem da linguagem com o objetivo de atingir determinado propósito, é importante examinar

“ *as relações entre a estrutura e o significado do texto, o contexto extralingüístico que existe no e pelo texto, a função comunicativa que o texto aparentemente tem e a assunção do falante/escritor sobre os estados de motivação de seu interlocutor*”: Kopple (1986, p.73).

A observância desses fatores, ao se elaborar um modelo teórico de análise, é importante porque esse modelo se caracteriza como uma condição necessária de análise lingüística. Nesse sentido, é por meio deste princípio organizador que o analista tem possibilidade de generalizar sistematicamente as regularidades de certas características, assim como agrupar propriedades e distinguir classes recorrentes em contextos definidos.

O exame de um texto, ao longo de suas unidades temáticas, no entanto, é insuficiente para determinar o grau de complexidade que envolve a conexão entre tais unidades. Assim, considerando que um texto não é apenas o produto ou somatória de unidades temáticas ou *microestruturas* (van Dijk,1973) e essas só se sustentam no nível do texto inteiro, ao segmentá-lo devemos reconhecer as conexões que operam em seu interior. Daí a importância de se analisar o emprego dos conectores intra e interfrásticos.

Com esse objetivo, parece-nos adequado iniciarmos o empreendimento, determinando com exatidão a configuração temática e remática dos períodos quando os mesmos forem constituídos por mais de uma oração.

Vale lembrar que dentre os objetivos da ATR, encontramos, segundo Ilari(1987, p.46), o de

“aprofundar a observação das características ‘funcionais’ da oração, procurando dar peso à sua especificidade, ... assim como o de compor essas observações com a **análise sintática e semântica da oração**(grifo nosso), de modo a obter uma visão integrada das várias formas de conexão que operam em seu interior”.

Analizando a questão por meio de um exemplo

Assim, tomemos o excerto abaixo de Rubem Alves, extraído da Folha de S. Paulo de 4 de julho de 2006, para exemplificação e enfatizando o emprego dos conectores negritados:

Ao ler meu último artigo muitos amigos concluíram que eu estava morrendo e ficaram aflitos. Também pudera, o artigo foi escrito em primeira pessoa... Peço perdão. Não foi de propósito.

***Mas** a culpa não foi minha. Foi do jornal. O jornal dá um espaço definido ao escritor, no meu caso 2900 toques. **Mas** a cabeça não tem um contador de toques. Vou escrevendo. Depois de escrever peço ao computador que me diga quantos toques há no meu artigo. Ele responde: 3486. O que significa que tenho de cortar. Releio e vou cortando. **Pois** foi isso que aconteceu: tive de cortar a explicação inicial **para** que o artigo ficasse dentro dos limites. Nessa explicação eu contava como é que ele havia nascido.nasceu de um pedido de um amigo, médico. Ele me disse que o Conselho Federal de medicina estava interessado em produzir uma literatura curta, incisiva, poética, sobre questões éticas e de relacionamento médico-paciente, **para** ser distribuída entre os médicos. **Então** ele me perguntou: “Rubem, você pode escrever um texto sobre um médico diante de uma pessoa que vai morrer?” (...)*

O primeiro problema com o qual nos deparamos para analisar esse excerto refere-se à questão da dependência ou independência entre orações. Sabemos que conceitos tradicionais que radicalmente opõem de um lado as orações coordenadas e, de outro, as subordinadas não mais se sustentam, uma vez que não há como justificar uma análise meramente sintática dessas orações.

Entretanto, questionamos se o simples reconhecimento dessa questão ou a inserção de componentes semânticos e pragmáticos como mecanismos paralelos de análise conseguem explicar as relações de interdependência entre as orações.

Koch (1996), ao estudar as relações interfrásticas sob o enfoque semântico, aponta a contribuição de Bally (1944) na determinação dos modos de combinação entre enunciações.

Esse autor, ao abordar a teoria geral da enunciação, por intermédio do estudo da constituição da frase, revela que uma frase explícita compreende duas partes: o *dictum*, isto é, a representação, que constitui o correlativo do processo, e a *expressão da modalidade*, peça matriz da frase, referente à operação do sujeito pensante.

No processo de comunicação, pode-se enunciar tanto o objetivo, o intuito do enunciado ou, em outras palavras, pode-se enunciar tanto o propósito(Z) quanto a base, o substrato, o motivo, isto é, o tema(A) do enunciado. Assim, baseado na presença dos termos A e Z e no tipo de relação gramatical estabelecida entre eles, três modos de enunciação são possíveis: *a coordenação, a segmentação e a soldadura*.

Haverá *coordenação* se, ao tomarmos dois enunciados A e Z, em que A é uma proposição independente, ou seja, possui um tema e um comentário, A permanecer idêntica mesmo quando complementada por outra proposição ou, ainda, se a proposição Z tomar A por tema, apresentando-se como um comentário concernente à A. Uma outra característica das orações coordenadas é que elas são gramaticalmente independentes uma das outras, ou seja, são autônomas, característica essa que lhes permite comportar um número indeterminado de membros, formando séries abertas de enunciados.

Por *frases segmentadas* entendemos "uma frase única, oriunda da condensação de duas coordenadas, mas cuja soldadura é imperfeita, permitindo distinguir 2 partes: uma com função de tema e outra com função de propósito do enunciado, por exemplo: Mais alegria, mais canção ou Quanto mais houver alegria, haverá mais canção": (Bally,1944, p.60).

Para Bally(1944:65), "o que distingue a segmentação da coordenação é a interdependência, o condicionamento recíproco entre os segmentos A e Z: sabe-se que as proposições subordinadas introduzidas por 'que' equivalem às proposições de sujeitos ou às proposições de complementos do objeto, e aquelas que começam por conjunções de sentido espacial, temporal ou lógico são reduzidas a complementos circunstanciais, isto é, de substantivos a um caso oblíquo". Nesse sentido, considerando a natureza sintática do tema e do propósito, o tema, devido à sua natureza nominal, desempenhará a função de sujeito e o propósito (rema, segundo Danes) a de predicado, uma vez que designa um processo, um estado ou uma qualidade.

A *soldadura* ocorre no caso de frases ligadas, ou seja, frases compostas por mais de uma oração, resultado de uma condensação, em que nenhuma das orações é objeto de um ato de enunciação compreensível independentemente do outro. Para Bally, na maior parte das vezes, a segunda oração objetiva completar ou precisar melhor o sentido da primeira.

Acreditamos que com base na classificação desses 3 modos de enunciação, propostos por Bally, possamos estabelecer se uma única unidade temática ou remática comporta agrupar orações complexas, segundo seu grau de autonomia de sentido.

Com esse propósito, voltemos a examinar o texto de Rubem Alves. A primeira questão a ser examinada é a referente à constituição do período a partir do qual o autor inicia seu texto. Se tomarmos como tema (T1) a primeira proposição – *ao ler meu último artigo* - e como o rema (R1) a continuidade do período, ou seja, *muitos amigos concluíram que eu estava morrendo e ficaram aflitos*, perceberemos que esse rema pode ser subdividido em dois, visto que a leitura do artigo propiciou dois comentários distintos acerca desse tema. Essa subdivisão em dois remas só se efetiva como tal se partirmos do pressuposto de que o conector **e** expressa uma relação de adição entre as proposições, relação essa de dependência semântica, porque o segundo rema só pode ser entendido como um adendo em relação ao primeiro rema. Ou seja, a aflição dos amigos do autor foram decorrentes do entendimento de que ele estava morrendo. Prova dessa constatação é que se invertermos a ordem das proposições remáticas, o período fica destituído de sentido, assim caracterizando o que Bally denomina de frases segmentadas.

O mesmo não ocorre quando analisamos o papel desempenhado pelo conector **mas** nas duas ocorrências em que aparecem no texto. Na primeira ocorrência, o autor se redime de sua culpa por alguns amigos terem acreditado que ele estava morrendo, ou seja, ele apresenta um argumento na tentativa de justificar a conclusão equivocada que seu artigo causou. Embora Alves tenha usado de um conector de contrajunção, argumentativo por natureza, segundo Ducrot, o papel desempenhado por ele nessa ocorrência expressa muito mais justificativa do que oposição, podendo ser substituído por **pois**. Portanto, o emprego do **mas**, nesse contexto, expressa um comentário em relação ao tema anterior – *não foi de propósito* – que poderia ter sido proferido por um outro interlocutor, que não o próprio autor, e exemplificaria um caso de frases

coordenadas, segundo Bally, independentes gramaticalmente. E, ainda, *é por essa razão que podemos que essa conjunções coordenativas aparecem não só entre orações de um mesmo período, mas também encadeando orações de períodos diferentes ou encadeando parágrafos entre si*, conforme Guimarães(1980) apud Koch(1996, p.122).

Quanto ao emprego do conector **para que** em: *tive de cortar a explicação inicial para que o artigo ficasse dentro dos limites*, a relação estabelecida por meio desse conector exemplifica um caso de frases ligadas, visto que a relação entre elas é de dependência, ou seja, constituem operadores do tipo lógico e, como tal, encerram relação de finalidade.

Guimarães(2001, p.36), ao estudar as conjunções sob a perspectiva da Semântica da Enunciação, propõe que essas sejam investigadas a partir de oito procedimentos metodológicos, a saber: *a) a possibilidade de inversão das orações; b) a possibilidade de articulação sobre o limite da frase (na linguagem escrita o que corresponde à possibilidade de a conjunção articular a oração que inicia com a que vem antes de um ponto); c) o alcance da negação; d) o alcance da pergunta; e) o modo de encadeamento do texto; f) a divisão para dois locutores numa conversa; g) a divisão entonacional no interior de uma frase; h) correlação dos modos verbais nas orações*. Esses procedimentos ajudam a detectar a relação que os conectores estabelecem entre as orações.

A partir dos expedientes, adotados na configuração da ATR e no uso dos conectores, objeto de nossas indagações, podemos proceder a algumas sistematizações:

- i) um tema pode ser representado pelo produto da somatória de um tema e um rema anteriores, ou seja, uma oração completa, desde que esse novo tema não se configure como retomada ou modificação do precedente e a oração subsequente seja apenas remática;
- ii) quando o período for composto por orações subordinadas sintaticamente e por frases ligadas semanticamente, essas não deverão ser desdobradas ou subdivididas, ficando ligadas ao tema ou ao rema a que estão condicionadas (como ocorre nas orações adjetivas restritivas);
- iii) quando um rema for constituído por 2 orações coordenadas entre si por meio da conjunção aditiva ‘e’, de funções semelhantes, a primeira oração passa a ser designada de R e, a segunda, de R’;

- iv) quando o período for composto por oração ou orações adjetivas explicativas, essa oração deverá ser desdobrada em um novo rema, diferentemente do que ocorre com as restritivas, porque, na realidade, esse tipo de proposição é, segundo Bally (1944: 58), *uma frase coordenada à semelhança daquela que retoma o antecedente do pronome relativo ou uma incisão da primeira*. Para o autor, o enunciado: *Eu odeio este homem, que causou a minha perda e este homem que causou a minha perda, ignora a piedade*, exemplifica o caráter coordenativo desse tipo de oração, pois, com efeito, a oração *que causou a minha perda* é equivalente a *ele causou minha perda*, caso em que é possível desmembrar o tema (*ele*) do rema (*causou a minha perda*).

Considerando que o período em pauta deixa de contemplar orações subordinadas substantivas subjetivas e objetivas e, acreditando na necessidade de incorporá-las em nossa sistematização, visto que essas orações têm ocorrência em outros textos, vejamos um exemplo:

Essas orações caracterizam, de acordo com o enfoque semântico proposto por Bally, as frases segmentadas, em que é possível distinguir uma parte com função de tema e, outra, com função de rema, assim como o condicionamento recíproco entre elas, próprio das orações subordinadas introduzidas por ‘que’, equivalentes a sujeito ou a objetos.

Definido como ficaria a segmentação das orações subordinadas substantivas subjetivas e, considerando que as orações subordinadas objetivas seguem o mesmo padrão, é necessário acrescentarmos um novo item em nossa sistematização. Assim, teremos:

- v) quando um período for composto por orações subordinadas subjetivas ou objetivas, deveremos tomar como tema a primeira oração, ou seja, aquela em que se apresenta o substrato, algo a ser desenvolvido e complementado na oração ou orações seguintes, remática(s).

Considerações finais

Diante dos processos utilizados na segmentação das unidades temáticas e remáticas, baseados na proposta funcionalista de Danes e complementados pela

classificação semântica adotada por Bally, acreditamos ser possível considerar que quando um período for composto por mais de uma oração: i) poderá haver subdivisão das orações que compõem o tema ou o rema se elas constituírem as chamadas frases coordenadas ou frases segmentadas; ii) se as orações, entretanto, caracterizarem as frases ligadas, não poderá haver subdivisão das unidades temáticas ou remáticas.

Acreditamos que essas sistematizações possam contribuir de forma efetiva na segmentação e análise de textos, uma vez que será, a partir dessa segmentação, que poderemos aprofundar a observação das características funcionais das orações, assim como o uso dos conectores intra e interfráticos em textos escritos.

Além disso, se nosso objetivo principal é analisar os conectores, precisamos determinar o grau de coesão entre as diversas unidades, sua interação e interdependência tanto no nível intrafrástico quanto no nível interfrástico, visto que elas podem ocorrer em ambos os níveis. E, ainda, devemos estar atentos para identificar o tipo de relação funcional e hierárquica estabelecido pelos conectores.

Enfim, é imprescindível que reconheçamos que a organização textual é, a princípio, um fator que se não observado acarreta conseqüências diretas para as outras unidades oracionais, portanto, para todo o texto.

Referências Bibliográficas

- BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique française*. 4 ed., Berna: A Francke, 1944.
- DANES, F. "Function sentence perspective and the organization of the text" In: F. Danes (ed) , *Papers on function sentence perspective*. Prague; The Hague, 1974.
- FINOTTI, L. H. B. *Fatores de textualidade em redações do vestibular: uma análise crítico-descritiva*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 1994.
- _____. *A descontinuidade temática na oralidade e na escrita: um confronto entre textos orais e escritos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, 2001.
- FIRBAS, J. "Some aspects of Czechoslovak approach to problems of function sentence perspective". In: F. Danes (ed) , *Papers on function sentence perspective*. Prague; The Hague, 1974.
- GIORA, T. "From discourse to syntax: grammar as a processing strategy". In: Givón, T. (ed.) *Syntax and semantics*. V. 12, San Diego: Academic Press, 1979.
- GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. 2ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- ILARI, R. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas; Editora da UNICAMP, 1987.
- KOCH, I.G.V. *Argumentação e linguagem*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

- KOPPLE, W. J.V “Given and new information and some aspects of the structures, semantics and pragmatics of written texts”. In: W. J.V. Kopple, *Studying writting. Linguistics approaches*. Beverly Hills: Sage, 1986.
- RASTIER, F. *Sens et textualité*. Paris: Hachette, 1989.
- REINHART, T. ‘Pragmatics and linguistics: an analysis of sentence topics”. In: *Philosophica (special issue on pragmatics theory)*, 1980.
- SCHIMDT, S. J. *Lingüística e teoria do texto*. São Paulo: Pioneira, 1978.
- WEIL, H. *De l' ordre des mots dans les langues anciennes comparées aux langues modernes*. Monograph, 1844.